

AS MARAVILHAS DO AGORA: A LINHA ALL-NEW ALL-DIFFERENT MARVEL NOW E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NOS COMICS

Gabriel Braga Ferreira de Melo (UERJ)¹

Resumo: Com a virada para o século XXI, a voz do “outro” vai conquistando cada vez mais espaço dentro dos *comics*. Dentre várias temáticas que surgem, uma é a questão dos deslocamentos e dos sujeitos híbridos. Algumas revistas se tornam verdadeiras arenas de debate da realidade estadunidense nos dias de hoje e um reflexo de como essa sociedade recebe o que vem de fora. Esta comunicação tem por objetivo analisar a importância de tais histórias para uma conscientização dos estadunidenses do mundo real em favor de uma sociedade cada vez mais heterogênea e a força que tais personagens têm para alterar a nossa sociedade real e não apenas a das páginas dos quadrinhos.

Palavras-chave: Identidade; Deslocamentos; Histórias em quadrinhos.

A questão da identidade é, talvez, a mais central dos Estudos Culturais contemporâneos. Tudo o que se discute, de uma forma ou de outra, recai em identidade. Entretanto, tal tema se mostra bastante complexo, uma vez que a identidade é uma construção e não uma essência.

A identidade torna-se foco de discussão quando percebemos que ela não é parte de uma natureza fixa desde o nascimento, não é algo genético. Ao contrário, ela é um construto diário sujeito a modificações. A identidade de hoje não é a mesma de ontem. Em concordância com tal forma de pensar, Stuart Hall (2005) já nos garantia que tais identidades estáveis, que estabilizavam o mundo social, estão em declínio. Inúmeros processos de migrações que acontecem por todo o planeta estão “diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo” (HALL, 2009 [2003], p.43). Esse processo cria diversas “minorias” dentro das sociedades e tal fato:

Inaugura um novo processo de “minorização” dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida. Mas essas “minorias” não são efetivamente “restritas aos guetos”; elas não permanecem por muito tempo como enclaves. Elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. (HALL, 2009 [2003], p.43).

¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Contato: gabrielbfmelo@gmail.com.

Esses processos migratórios acarretam, ainda segundo o teórico, o surgimento de novos tipos de identidades e a fragmentação do indivíduo moderno. Podemos concluir, dessa forma, que as antigas identidades, fixas e imutáveis, sustentavam o mundo social e que se, agora, elas começam a ruir e a dar passagem para identidades novas, múltiplas e fragmentadas; conseqüentemente, o próprio mundo social é afetado por tal declínio.

Essas questões identitárias também estão presentes no mundo dos quadrinhos. O personagem Steve Rogers, o Capitão América, foi um dos principais heróis a ter a questão abordada em suas revistas. Essa abordagem da identidade, contudo, se dá com um foco maior nas questões referentes à identidade nacional.

Após despertar de um período de hibernação no fundo do oceano começado perto do fim da II Guerra Mundial, Rogers se vê em meio a uma modernidade que, além das mudanças contínuas e velozes, é o local de constantes rupturas; onde não existe mais um centro de poder, mas vários centros que disputam o poder. Um mundo repleto de inúmeras identidades e que se torna um lugar onde a “diferença” prevalece mais do que a “semelhança”. É nesse mundo que Steve se encontra. Um ambiente fluido em que a identidade muda de acordo com o que cerca o sujeito. Um local onde, como define Hall (2005), a identificação não é automática, podendo, portanto, ser ganhada ou perdida.

Steve Rogers se sente deslocado. Ele está em seu país, porém, nada ali é o país que ele havia deixado: os Estados Unidos de 1940. Esse personagem não é o primeiro dos quadrinhos da Marvel que apresenta um sentimento de estar deslocado, mas, sem dúvida, é o mais importante, devido à maneira como ele reage a esse deslocamento. O deslocamento de Steve é radical, é o deslocamento de quem não consegue achar seu espaço em nenhum lugar do mundo em que vive. Tal deslocamento lhe permite ser o primeiro a começar a pensar a sociedade estadunidense e seus problemas e contradições através do ponto de vista de quem está à margem. Tudo isso sem perder o peso de ser também a voz do principal representante da nação em toda a mídia dos quadrinhos. Quando o Capitão América fala, não é apenas um personagem, é toda uma nação.

Uma vez estando do lado de fora, fica mais fácil para Steve Rogers perceber que seu país não é apenas um país, mas vários “micropaíses” com uma sociedade diversa e conflitante composta de vários povos. Por meio da interação com estes “sujeitos sociológicos”, o Capitão América Steve Rogers vai se modificando e uma nova

identidade vai se formando e, por analogia, um novo conceito de Estados Unidos vai se revelando para o personagem e seus leitores.

Se as nações são “comunidades imaginadas”, como sugere Benedict Anderson (1993 [1983]), esse novo conceito de Estados Unidos que se revela nos *comics* faz Steve Rogers questionar como a identidade nacional é construída, por quem e, especialmente, quem é autorizado a se sentir pertencente a tal comunidade. Esses questionamentos revelam a imprecisão do mito fundador do multiculturalismo nos Estados Unidos quando colocado à prova, uma vez que a sociedade é revelada como algo que carece de maior representatividade e, por vezes, até mesmo de respeito pelo que foge à imagem do americano pertencente ao grupo chamado WASP².

Essa conscientização de que os Estados Unidos não viviam em um *melting pot* cultural e, sim, em uma *salad bowl*³ é um primeiro passo – e muito importante – para a abordagem multicultural nos quadrinhos. Só após este processo – que durou mais de 30 anos –, é que as histórias em quadrinhos se encontraram em transição para uma representação de sociedades *pós*⁴ nas quais as questões de identidade e gênero se fariam mais presentes.

Contudo, a figura do Capitão, por mais aberta às diferenças que seja, não se mostra a mais adequada para capitanear essa nova era. Primeiramente, devemos lembrar que, apesar de tudo, Steve Rogers ainda é a representação perfeita do biótipo ariano pertencente ao grupo dominante WASP. Por isso, Steve possui um limite de até onde ele pode atuar como líder nas lutas por igualdade. O protagonismo da luta precisa de heróis que não sejam tão identificados com a cultura WASP. Em segundo lugar, a figura de Steve Rogers pouco é vista em sua forma civil, sendo ofuscada pela persona heroica do Capitão América. Por necessidade, coube ao herói ocultar a sua individualidade, sua identidade e focar no que era projetado nele, isto é, a nação e a identidade nacional

² Acrônimo para White, Anglo-Saxon Protestant (Branco, Anglo-Saxão e Protestante, em tradução livre). Ela se refere ao estadunidense branco e protestante da classe média ou superior que possui a família originária do norte da Europa e pertencente ao grupo mais poderoso da sociedade.

³ Oposto à noção de *melting pot* e mais próxima do multiculturalismo, o conceito de *salad bowl* argumenta que diferentes indivíduos podem e costumam manter suas identidades e, ainda assim, coexistir em harmonia com outras dentro de um mesmo território. Sendo tal processo possível devido às leis e ao mercado comuns a que estão sujeitos, habitando o mesmo espaço (Fonte: <<http://www.hoover.org/research/melting-pots-and-salad-bowls>>. Acesso em 06 de setembro de 2018).

⁴ Utilizo nesse trabalho o termo “sociedades *pós*” segundo utilizado por Femenías (2013, p.23). Para a autora, o termo sociedades *pós* inclui a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização.

corporificada. Entretanto, fica a pergunta feita por Mike S. DuBose (2009, s.p.): “Como pode o Capitão realmente lutar e proteger um modo de vida do qual ele está excluído?”⁵

A verdade é que não pode. Por mais vital que o personagem tenha sido na abordagem de várias questões importantes para a sociedade – sendo a percepção do “outro” em sua diversidade talvez a mais importante, pois, como afirma P. Ouellet (2007 apud BERND, 2010, p.20), “quando se começa a pensar o identitário juntamente com a alteridade, aceita-se a manifestação da natureza essencialmente heterogênea da existência” –, é chegado o momento de estabelecer de vez o multiculturalismo e ouvir a voz daqueles que realmente devem capitanear as lutas: os que sofrem a opressão.

Steve Rogers deu todos os passos a ele possíveis. Contudo, sempre existe um próximo passo, e, deste, o personagem não podia participar em posição tão central como nos anteriores. Agora se faz necessário ouvir a voz do “outro” sem que ele precise de uma validação de seu discurso, estabelecendo, assim, um multiculturalismo de verdade. Para atingir esse objetivo, surge uma nova safra de heróis. É a nova era dos quadrinhos.

A nova era

Como nos adverte Bauman (2013 [2011], p.41), “Pela primeira vez a ‘arte de conviver com a diferença’ tornou-se um problema cotidiano”. Ainda segundo o sociólogo, isso faz com que os imigrantes tenham que aceitar ser outra “minoridade étnica” no país em que estão, que os nativos lidem com o fato de estarem cercados de diásporas e que ambas as categorias precisem aprender a viver com esta realidade desfavorável, a qual não poderão controlar.

Este convívio forçado entre diferentes fez com que, como analisa Skar (2001), nos últimos anos, uma consciência das múltiplas tradições culturais que formam a sociedade estadunidense crescesse e, como resultado, a ideia de um *melting pot* que eliminaria as diferenças de grupos de imigrantes fosse substituída pelo movimento do multiculturalismo dentro dos Estados Unidos. O outro já havia se estabelecido, não habitava mais uma terra distante a qual permitia que se visitasse quando quisesse contato com o diferente, mas, passado o desejo, pudesse regressar e esquecer ele e se sentir livre de um contato não mais desejável. Em outras palavras:

⁵ “How can Cap really fight for and protect a way of life from which he is excluded?”

Não basta mais entender ou mitificar a cultura – o exotismo – do outro, imaginado à distância sob os traços do “estrangeiro”; agora é preciso viver, na imediatidade do cotidiano, a coexistência com os modos de vida vindos de outros lugares, e cada vez mais heteróclitos. (LANDOWSKI, 2002, p.4)

Essa nova relação com o outro reformula também o que a sociedade demanda de suas partes, se eles estão presentes no cotidiano e lutam para se fazer ouvir, é necessário também que a literatura dê espaço a eles. Como Bernd (2010, p.20) expõe:

A necessidade maior parece ser agora, a construção de identidades que têm por base a inclusão (étnica, de gênero, de culturas e grupos que ficaram à margem dos sistemas oficiais), reivindicando uma visibilidade ocultada nos projetos de identidade nacional e literária dos séculos XIX até a metade do XX. O outro, excluído e minorizado, deixa de ocupar a posição marginal e periférica, refazendo cartografias identitárias até então vigentes, pondo em xeque os conceitos de identidade nacional e literária e exigindo que essas categorias sejam revistas.

Foram necessárias algumas décadas para que os *comics* respondessem como um todo e não apenas uma ou outra revista, mas este momento chegou na virada do século. E não podia ser diferente. Criados por oprimidos (judeus), rejeitados pelos devotos da “Alta Cultura” que a relegam a um caráter marginal, e adotados por *nerds* – classe que, em sua maioria, passa por algum momento em que vive o sentimento de ser oprimido, rejeitado e perseguido –, os *comics* são um meio naturalmente predisposto a essas lutas.

Como expressão das mais variadas faces da vida humana e onde cada aspecto pode ser encontrado em suas histórias, os quadrinhos transportam o debate das diferenças para dentro de uma mesma cultura. Cria-se um mundo que caminha para uma representatividade cada vez mais acurada da diversidade cultural que existe hoje.

É óbvio que interesses econômicos sempre estão em jogo e tal representatividade não acontece de forma tão altruísta ao ponto de ignorar o impacto economicamente positivo que ela tem. Entretanto, vale ressaltar também que tal lógica de mercado também se aplica aos seriados, novelas e filmes e, no entanto, não vemos os mesmos progressos nessas mídias. Ao contrário, críticas a uma Hollywood branca demais, com direito a subir a *hashtag* “#OscarSoWhite” é um belo exemplo de como outras formas de entretenimento ainda não chegaram ao mesmo ponto de evolução dos *comics* quando analisamos o quesito da representatividade.

Uma vez que o conceito de identidade nacional entra em crise, não pode haver mais uma única forma de representação. Surgem, assim, uma série de personagens que preenchem os mais variados vazios de representação que perduraram por décadas. Cada um deles traz a sua própria luta. Devido ao espaço restante para a análise, abordar todos os heróis implicaria em apenas citá-los de maneira tão superficial que o resto deste artigo seria pouco mais que uma mera lista. Portanto, com o pesar de ter que deixar de fora alguns personagens tão ricos, focarei em uma breve análise da importância de três personagens da nova geração: Kamala Khan, a nova Miss Marvel; Miles Morales, o novo Homem-Aranha; e América Chavez, a nova Miss América.

Kamala Khan

Mais nova dos três personagens escolhidos – foi criada apenas em 2014 –, Kamala é uma adolescente estadunidense muçulmana e com pais paquistaneses. Suas histórias contam com roteiros de G. Willow Wilson e com Sana Amanat como editora-chefe, ambas estadunidenses seguidoras do Islã.

Kamala é a primeira heroína muçulmana a possuir uma revista em que ela estrela como personagem principal. Apesar disso, o Islã é apenas um dos muitos componentes de sua identidade. A revista não visa, como a própria autora deixa claro em entrevista ao *The New York Times* (2013)⁶, ser um veículo para a conversão de seus leitores. Tal postura vai ao encontro da editora-chefe que, em entrevista ao jornal *Al Jazeera America* (2013)⁷, revela que a intenção é fazer uma história em que todos possam se reconhecer e que os problemas que Kamala enfrenta são “problemas” e não “problemas islâmicos”.

Em suas histórias, vemos, além de Kamala salvando o dia, a personagem tendo que aprender a viver no meio de duas culturas muito diferentes: de um lado, sua família e sua comunidade muçulmana; do outro, seus colegas de escola com a cultura ocidental.

Devido ao choque entre as culturas, Kamala se sente deslocada, incompreendida por todos e obrigada a se explicar a todo momento. Na busca de entender quem ela deve ser e o que deve fazer, a personagem vai, aos poucos, desenvolvendo uma consciência

⁶ “Mighty, Muslim and Leaping Off the Page” está disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/11/06/books/marvel-comics-introducing-a-muslim-girl-superhero.html>>. Acesso em 07 de setembro de 2018.

⁷ “Ms. Marvel returns as Muslim teen” está disponível em: <<http://america.aljazeera.com/articles/2013/11/5/ms-marvel-returnsasmuslimteen.html>>. Acesso em: 07 de setembro de 2018.

de sua hibridez e entendendo que isso não a torna inferior. Quanto mais percebe a rigidez de certas identidades que a cercam, mais Kamala vai se tornando fluida, mutante. Uma vez que vive entre duas culturas, ela pode nos oferecer a consciência contrapontística de que nos fala Said (2003). A cada edição, Kamala vai se tornando, cada vez mais, uma força desestabilizadora, se desenraizando e, através desse processo, se tornando capaz de desenraizar todos ao seu redor.

O resultado disso não poderia ser outro senão um enorme barulho no nosso mundo real. Na já citada reportagem do *Al Jazeera America*, é mostrada a visão da fundadora de um fórum sobre a representação da mulher muçulmana na cultura popular em que ela diz acreditar que a nova Miss Marvel pode ser a janela para a experiência islâmica estadunidense e para mostrar que os Estados Unidos não são apenas brancos e cristãos.

Em outro momento, como relatado pelo jornal *The Guardian* (2015), a personagem foi usada pela *Bay Area Art Queer Unleashing Power* em ônibus que circulavam por San Francisco para cobrir cartazes que divulgavam mensagens islamofóbicas pela cidade⁸. Chama a atenção o fato de a personagem possuir menos de 1 ano de publicação na época do ocorrido – uma vez que raros são os casos de heróis dos quadrinhos que conseguem um destaque tão grande com tão pouco tempo da sua criação. Outro ponto importante é o fato de que, como destaca o jornal, o ato possui um significado poderoso: pela primeira vez, os muçulmanos nos Estados Unidos possuem um super-herói para defendê-los. O que nos revela não só o alcance e importância da personagem, mas também a responsabilidade que ela carrega.

Miles Morales

A primeira coisa que devemos notar sobre Miles é que ele é um personagem de legado. É verdade que os três personagens escolhidos, de uma forma ou de outra, são personagens de legado, entretanto, isso assume uma maior importância para o personagem de Miles Morales. O motivo? O legado que ele assume é de ser nada mais, nada menos que o novo Homem-Aranha.

Homem-Aranha, na figura de Peter Parker, foi criado em 1962. De lá para cá, a ideia de um herói com poderes de aranha, que parecia ridícula para os editores quando

⁸ A matéria “*Meet the Muslim superhero fighting bigotry on San Francisco buses*” que narra a questão pode ser encontrada em: <<http://www.theguardian.com/books/2015/feb/01/meet-the-muslim-superhero-fighting-bigotry-on-san-francisco-buses>>. Acesso em: 07 de setembro de 2018.

contada pela primeira vez, se revelou um dos maiores acertos editoriais de todos os tempos. O personagem é um dos mais icônicos dos quadrinhos de heróis e um dos mais queridos.

Representando toda uma juventude da época que, imediatamente, se identificou com o personagem, Peter Parker se tornou o personagem-solo mais importante da Marvel – e um dos mais importantes, senão o mais, dos quadrinhos em geral. O motivo para isso foi a mudança que ele ajudou a instaurar de heróis cada vez mais relacionáveis para os leitores, com problemas do cotidiano de qualquer pessoa sem superpoderes. Muito do seu apelo, revelado por seus criadores como algo intencionalmente pensado desde o início, é que, uma vez que seu uniforme cobre todo o corpo, o herói Homem-Aranha não é facilmente identificável com qualquer grupo específico e, portanto, poderia ser qualquer um.

Muito mais poderia ser dito sobre o personagem do Homem-Aranha, contudo seria desnecessário, pois a fama que o personagem estabeleceu para si – com animações, filmes, jogos e revistas – faz com que ele seja plenamente reconhecido como um ícone heroico até para aqueles que nunca abriram uma revista em quadrinhos na vida.

É essa a sombra projetada quando do lançamento do “novo Homem-Aranha” em 2011. Quem era apresentado sob essa sombra? Um jovem garoto entrando na adolescência, negro, de origem latina e chamado Miles Morales.

A importância da criação de tal personagem salta aos olhos. É verdade que, idealmente, o herói Homem-Aranha poderia ser qualquer um, posto que não vemos nada além da roupa quando ele está fantasiado. Contudo, para o leitor de quadrinhos, a identidade secreta do herói é sempre revelada. É sempre o garoto branco Peter Parker.

Isso muda em 2011. Com a criação de um universo alternativo, Brian Michael Bendis mata Peter e coloca Miles como o novo Homem-Aranha desse universo. Pela primeira vez temos um personagem negro e latino em um papel tão importante: vestindo o uniforme e usando o nome do principal herói de uma editora.

São apenas 7 anos de vida, mas sua importância é enorme. Miles se tornou não mais o “novo” Homem-Aranha, ele se tornou “O” Homem-Aranha. Claro, Peter ainda está presente no universo principal, mas Miles cresceu tanto que saiu do universo alternativo e chegou ao mesmo universo em que Peter ainda vive como Aranha e, nesse

universo, ele não é o “Aranha Júnior” ou o “outro Aranha”, ele ainda é “O” Homem-Aranha. Miles não é “Peter Parker negro”; ele possui desejos, necessidades e aspirações que são dele; Miles é o próprio Miles. Justamente por isso, o personagem se tornou um enorme sucesso em diferentes públicos.

A figura de Miles Morales cresceu tanto que basta ler algumas edições de sua revista para ver que o recente filme do Homem-Aranha, “Homem-Aranha: de volta ao lar” (2017), apesar de ter Peter Parker como personagem, conta com muito mais aspectos – incluindo a personalidade do herói – do universo de Miles do que do próprio Peter – o que levanta um certo incômodo quanto à escolha dos estúdios Disney em usar aspectos da história de um, porém a representação física e nome de outro, mas que não cabe aqui discutir a fundo.

Essa importância de Miles ao ponto de podermos dizer que, hoje, ele está ombro-a-ombro com Peter e é tão Homem-Aranha quanto seu antecessor é sentida também fora das revistas. Sua presença concede a muitos, pela primeira vez, um rosto com o qual podem se identificar; oferece a essas pessoas uma representação que nunca tiveram e sempre desejaram; mais importante, é uma afirmação de que tais pessoas, até então não representadas, também podem ser heróis e possuem um herói que fala por elas e para elas. É uma afirmação de que existem outras formas possíveis para um herói.

O fato de que suas histórias, uma vez que o personagem veio de outro universo para o nosso, também giram em torno de um sentimento de estar deslocado, de inadequação e a luta necessária para encontrar seu lugar de pertencimento, ecoam ainda mais forte naquilo que o herói representa.

América Chavez

Por último, mas não menos importante, temos América Chavez, a heroína Miss América, criada em 2011. Vinda de uma realidade alternativa habitada somente por mulheres, seu nome e seu biótipo deixam clara a identificação da personagem com a identidade latina. Fluente em espanhol e inglês, ela faz da união dos dois a sua forma de se expressar. Pouco pode ser dito sobre suas histórias, pois ainda teve pouco destaque solo, mas muito pode ser dito da imagem que ela traz.

Sua vestimenta tem sempre a bandeira dos Estados Unidos como temática, o que, por si só, já a identifica com o papel de um herói nacionalista, algo, até então, quase que exclusivo do Capitão América.

Tal identificação compensa a falta de revistas-solo e já faz dela uma personagem importante, posto que é a primeira vez que um personagem nacionalista estadunidense com real destaque nos *comics* é uma mulher e também a primeira vez que o herói nacionalista é homossexual. Adiciona-se a isso a sua cultura latina, sempre presente e temos o reconhecimento de uma parcela de cidadãos americanos que, não raro, são alvos de declarações que os retratam como uma praga transmissora de doenças, ladrões de emprego, enfim, seres completamente indesejáveis. Declarações, por vezes, proferidas até mesmo por políticos influentes.

Apesar de, tecnicamente, ser uma heroína de legado, América pouco tem que se esforçar para honrar tal legado. Sua antecessora, Miss América, é uma personagem que nunca teve qualquer relevância nas histórias em quadrinhos. Ainda assim, é interessante notar como Miss América Chavez difere visualmente da primeira Miss América. Latina e morena, Chavez diverge muito de sua antecessora, uma personagem estadunidense loira e branca.

O fato de não ter abordado ainda questões nacionalistas, como todos os outros heróis nacionalistas fazem, não desqualifica América Chavez como uma integrante da categoria. Uma vez que o conceito de nação vem mudando, é possível que a nova Miss América seja a revolução do gênero de herói nacionalista. Uma personagem que, mesmo evocando um nacionalismo, não se prende à temática nacional para validar sua representação.

Conclusão

Muito mais ainda poderia ser dito e analisado sobre tais personagens que são a resposta à necessidade de identidades que tenham por base a inclusão. Através de suas histórias e crescente popularidade, eles ajudam a trazer da margem quem lá se encontra e a derrubar muros que separam pessoas. Mais do que isso, tais heróis vêm para questionar e revisar antigos conceitos que não servem mais para o mundo em que vivemos. Eles ultrapassam fronteiras, fazem culturas colidirem, transgridem normas e são as vozes dos mais diversos pontos de vista.

Não é um caminho fácil, direto e nem rápido. Mas eles possuem o tempo ao lado deles – são criações com menos de 10 anos de existência em um meio que completa 80 anos em 2018 – e já conseguiram influenciar nosso mundo de uma forma que poucos dos antigos heróis conseguiram fazer ao longo de sua extensa jornada. Muito desse feito

se deve à oportunidade que eles nos concedem de vermos o mundo com os olhos do outro.

Os novos heróis estão por aí, não só nas páginas das revistas mensais. Em pouco tempo de vida, eles já ganharam as ruas para tentar combater o preconceito do mundo real enquanto batalham contra os preconceitos de seu mundo mensalmente em suas histórias – sem perderem a capacidade de entreter e sem se tornarem meras peças de veiculação de uma propaganda. O futuro deles e o sucesso de suas lutas, só o tempo dirá. Porém, esta “nova face da América” já se provou um grupo muito mais conectado com a realidade que os cerca do que seus antecessores, já se provou como o grupo de heróis que precisávamos e que, por muito tempo, desejávamos. Seria um erro, agora que estão entre nós, ignorá-los e nos arriscarmos a perder tudo o que eles podem nos oferecer e a ajuda que podem nos dar.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Londres y Nueva York: VERSO 1993 [1983].

BAUMAN, Zygmunt. *A Cultura do mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2013 [2011].

BERND, Zilá. “Colocando em xeque o conceito de literatura nacional”. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita Maria G. (orgs.). *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p. 13-21

DuBOSE, Mike S. “The Man Behind the Mask? Models of Masculinity and the Persona of Heroes in Captain America Prose Novels”. In: WEINER, Robert G. (org.). *Captain America and the Struggle of the Superhero: Critical Essays*. Jefferson: McFarland, 2009. s.p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardia Resende et alii. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009 [2003].

LANDOWSKI, Éric. *Presenças do outro*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003

SKAR, Stacey Alba D. *Voces híbridas. La literatura de chicanas y latinas en Estados Unidos*. Santiago: RIL Editores, 2001.